CRÍTICA TEATRO | BOA NOITE, MÃE

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Nil Caniné/Divulgação

Em 'Boa Noiote, Mãe', a direção estrutura seu realismo psicológico articulando silêncios e conflitos tormentosos, como se uma panela de pressão estivesse pronta a estourar

Existência esfacelada

A incapacidade humana de detectar a angústia e sofrimento no outro, mesmo que sejam íntimos, é o que o texto dramático "Boa Noite, Mãe" nos aterra. A escritora estadunidense Marsha Norman faturou o Prêmio Pulitzer de Teatro em 1983 pela obra, que virou filme em 1986, dirigido por Tom Moore e estrelado por Anne Bancroft e Sissy Spacek.

Numa única noite de sábado, no interior dos Estados Unidos, mãe e filha estabelecem um confronto aterrador: a descendente anuncia ceifar a própria vida. Daí em diante somos envolvidos numa trama sobre suicídio, dores, afetos extraviados, ressentimentos. Um diálogo aprofundado faz com que as duas revisitem o passado.

Jessie é acometida por uma epilepsia grave, teve seu casamento fracassado, um filho transgressor, uma vida claustrofóbica, que a conduziu para desconstruir o sentido das coisas. Num mergulho temerário, as personagens criam embates, nos quais o peso de outrora desvela a vulnerabilidade das relações em busca de conexões autênticas, fabulando um mecanismo catártico desconfortável.

A tradução de José Pedro Peter é fluida e Leonardo Netto opta por uma montagem enxuta, permitindo que a excelente narrativa reverbere o impacto necessário. O diretor estrutura seu realismo psicológico articulando silêncios e conflitos tormentosos, como se uma panela de pressão estivesse pronta a estourar, numa ausência de trilha, que fortalece o esfacelamento entre mãe e filha. Institui, com propriedade, efeitos cotidianos para encobrir a tensão imersa daqueles vocábulos potentes e dolorosos.

Há um legato vocal impulsiona a interpretação de Ana Beatriz Nogueira, cuidando para que suas transições emocionais fluam organicamente, sem esforço. Rompantes de falas são organizadas harmonicamente, com perfeito controle de respiração. Além de presença marcante, a excelente atriz embute humor no status trágico de sua Thelma, sedimentando seu talento. Andréia Horta desenha a tribulação da personagem com força dramática na medida certa, sem fragilizá-la, além de não se desviar para o sentimentalismo barato. A atriz confere personalidade à sua Jessie, mesmo repleta de decisões funestas. Suspensões inebriantes são implementadas pelas intérpretes, potencializando a montagem.

A caixa cênica é preenchida por estrutura que revela copa cozinha, onde transcorre a ação, com mesa, armário e sótão, dialogando com figurinos apropriados, em coloração terrosa, numa dúplice concepção do talento de Ronald Teixeira e Flavio Graff. A delicada luz de Ana Luzia Molinari de Simoni escolta o fluxo de emoção das personagens.

Vale ressaltar que este dimensionamento dramatúrgico denuncia reflexos especulares de uma infinidade de indivíduos que sofrem de epilepsia e, estatisticamente, é comprovada a expansão de sua prevalência nas últimas décadas. "Boa Noite, Mãe" é contundente, eficaz e humano, no sentido de que a invisibilidade da dor pode resultar em consequências irreversíveis.

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Renato Mangolin/Divulgação

Gonzaguinha em musical

A premiada A Barca dos Corações Partidos segue em temporada com 'Gonzaguinha É', em cartaz no Teatro Sesc Ginástico, homageando um dos mais significativos cantorse e compositores da MPB. O musical tem direção artística de Inez Viana, texto de Braulio Tavares e Ana Carbatti e direção musical de Alfredo Del-Penho e Beto Lemos. No palco, Ádren Alves, Alfredo Del-Penho, Beto Lemos e Ricca Barros, com as convidadas Ana MaGa, Luiza Loroza, Nívea Magno e Thati Dias. Em cartaz até o dia 25.

Vantoen Pereira/Divulgação

31 anos de Brasil

Comédia de costumes que atravessa 31 anos do Brasil, "Café, Almoço, Jantar" está até 25 de outubro na Casa de Cultura Laura Alvim, em Ipanema. Escrito por Ivan Fernandes e dirigido pelo autor com Maíra Kestenberg, o espetáculo mostra a pensão de Dona Filó, por onde os personagens passam por 1987, 1994 e 2018, observando como as mudanças políticas, econômicas e sociais alcançam os afetos e as decisões de gente comum. "A encenação é totalmente centrada no trabalho dos atores e sua relação com as palavras do texto", diz o autor e diretor.

Nil Caniné/Divulgação

Olha o Neguinho aí, gente!

Sucesso de público, o musical "O Neguinho da Beija-Flor" segue em cartaz no Teatro João Caetano, na Praça Tiradentes, até o dia 1º de novembro. Com texto do jornalista Aydano André Motta e direção de Luiz Antonio Pilar, o espetáculo narra a trajetória do cantor desde a infância na pobreza de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, até o reconhecimento internacional, e tem em seu elenco elenco os atores-cantores Bruno Quixotte, Leandro Melo, Lu Vieira e Thalita Floriano, entre outros.